

APRESENTAÇÃO
DE ARTIGOS E
ENSAIO DE
GRADUAÇÃO

APRESENTAÇÃO DE ARTIGOS LIVRES E ENSAIOS DE GRADUAÇÃO

A *Revista Eletrônica Trilhas da História* publica, neste volume 15, número 32 (2026), um conjunto de contribuições que reafirma a vitalidade da pesquisa histórica em sua capacidade de articular diferentes temporalidades, sujeitos, fontes e perspectivas de análise. Esta edição traz, em seu núcleo, um dossiê dedicado às guerras, fronteiras e agências indígenas, reunindo estudos que destacam o protagonismo de povos indígenas em contextos de conquista, conflito, mobilização política, trabalho e negociação. Ao colocar em primeiro plano essas experiências históricas, o dossiê contribui para o adensamento de debates centrais da História Indígena, da História Colonial e da História Social, evidenciando a complexidade das formas de atuação indígena em diferentes espaços da América portuguesa e do Brasil oitocentista.

Além do dossiê, este número reúne nove artigos livres e um ensaio de graduação, compondo um painel diverso e expressivo da produção historiográfica contemporânea. Os textos transitam por temas ligados à história das mulheres, estudos de gênero, história intelectual, história da educação, ensino de História, história da arte, cultura visual, história urbana, história medieval e reflexão historiográfica, revelando a amplitude de interesses e abordagens que caracterizam a área.

Abrimos a seção de artigos livres com “Imprensa e emancipação feminina: a atuação de Josephina Alvares de Azevedo no século XIX”, de Stefany Reis Marquioli. O artigo toma a imprensa feminista oitocentista como espaço de formulação crítica e intervenção política, destacando a atuação de Josephina Alvares de Azevedo e o papel do jornal *A Família* na defesa da educação das mulheres, na crítica ao patriarcado, no apoio à causa abolicionista e na reivindicação de direitos políticos. Trata-se de uma contribuição relevante para pensar a imprensa não apenas como veículo de circulação de ideias, mas como instrumento de luta e construção de projetos de emancipação feminina no Brasil do século XIX.

Na sequência, “No jogo da transgressão: dissidências de gênero, futebol alagoano e a memória de Rumaico-Mara Grinberg”, de Isaac Freitas da Silva Filho, Elias Ferreira Veras e Caio de Souza Tedesco, desloca o olhar para os cruzamentos entre esporte, memória, migração, gênero e sexualidade. Ao recuperar a trajetória de Rumaico-Mara Grinberg, o artigo ilumina experiências historicamente marginalizadas

e mostra como a imprensa participou da estigmatização e do apagamento de sujeitos dissidentes. Ao mesmo tempo, o texto evidencia o potencial da pesquisa histórica para reinscrever essas trajetórias no debate sobre corpo, identidade e exclusão social.

Ainda nesse bloco de reflexões sobre corpo, norma e disputas sociais, “‘Em busca da perfeição’: a influência da eugenia na construção da norma estética integralista”, de Juliana Nogueira Garcia Roque, examina a articulação entre estética e política no interior da Ação Integralista Brasileira. O artigo mostra como o ideal de beleza difundido pelo movimento integralista estava profundamente ligado a concepções eugênicas, valores morais e projetos de disciplinamento social. Ao evidenciar que a estética também operava como linguagem política e forma de normatização, o texto contribui para a compreensão das dimensões simbólicas do fascismo no Brasil, sobretudo no que se refere à produção de hierarquias e à regulação dos corpos femininos.

A edição então se desloca para o campo da história intelectual e da educação com “Itinerários, redes e conexões: o estágio pós-doutoral de Nilma Lino Gomes em Portugal”, de Rafaela Rodrigues Martins. O artigo acompanha uma experiência acadêmica específica para discutir seus desdobramentos mais amplos, explorando as relações entre circulação internacional, redes de sociabilidade, produção intelectual e ação educativa. Ao focalizar a trajetória de Nilma Lino Gomes, o texto mostra como percursos formativos e conexões institucionais podem reverberar na construção de projetos intelectuais comprometidos com perspectivas emancipatórias.

Em seguida, “Avaliação da aprendizagem e ensino de História: desafios e possibilidades na prática docente”, de Felipe Augusto Fernandes Borges, aproxima o debate historiográfico das questões pedagógicas e da prática escolar. O artigo propõe uma reflexão crítica sobre a avaliação da aprendizagem, recusando sua compreensão como simples mecanismo de medida e classificação. Em seu lugar, defende-se uma concepção formativa e emancipadora, na qual avaliar em História significa acompanhar processos de interpretação, argumentação, leitura de fontes e desenvolvimento do pensamento histórico. O texto oferece, assim, importante contribuição para os debates sobre ensino de História, formação docente e construção de práticas pedagógicas mais reflexivas.

Outro conjunto temático da edição se organiza em torno das imagens, da representação e das disputas em torno da memória e da cultura visual. Nessa direção, “A imagem em disputa: crítica, exposições e a construção da arte afro-brasileira (1964-

1985)”, de Nicolas Rangel Vaz Nascimento e Emerson Dionisio Gomes de Oliveira, analisa a circulação da arte afro-brasileira em exposições promovidas no âmbito da política cultural externa brasileira durante a ditadura militar. Ao discutir a recepção crítica dessas mostras e a presença de artistas negros em circuitos institucionais e internacionais, o artigo ilumina os processos históricos de formulação e consolidação da própria noção de arte afro-brasileira, evidenciando o entrelaçamento entre crítica, diplomacia cultural e circulação transnacional.

Dialogando com esse debate, “Reimaginando a iconografia colonial brasileira a partir de releituras da obra ‘Uma senhora de algumas posses em sua casa’ (Jean-Baptiste Debret, 1823)”, de Pedro Alves de Souza Neto e Tatiana Silva de Lima, propõe uma leitura crítica das imagens coloniais e de suas permanências no imaginário brasileiro. Partindo da conhecida obra de Debret e colocando-a em relação com releituras contemporâneas, o artigo discute a representação de pessoas africanas e afrodescendentes e as formas pelas quais a iconografia pode ser contestada, ressignificada e reinscrita em novas disputas de memória. A contribuição do texto está justamente em mostrar a imagem como espaço de conflito interpretativo e de revisão crítica da história do Brasil.

Em “Residências em Estilo Missões, Campo Grande (MS), anos 1950”, Felipe Anitelli volta-se para a história urbana e para a materialidade da vida social a partir da análise de projetos residenciais realizados em Campo Grande na década de 1950. Com base em amplo levantamento documental, o artigo contribui para a história da arquitetura e da habitação no Brasil, destacando um recorte ainda pouco explorado pela historiografia. Ao examinar formas construtivas, linguagens arquitetônicas e processos de urbanização, o texto amplia o conhecimento sobre a produção do espaço urbano e sobre as expressões regionais da cultura material.

Os dois últimos textos ampliam o arco temporal da edição, articulando análise documental, crítica historiográfica e reflexão sobre as formas históricas de poder. “Do cerco à norma: cosmologias globalizantes e práticas de aproveitamento na diplomática fernandina (1233–1246)”, de Saymon da Silva Siqueira e Adriana Vidotte, examina a documentação diplomática do reinado de Fernando III de Castela e Leão para mostrar como a linguagem da guerra, da fé e da conquista se convertia em instrumento de governo. Ao tratar a chancelaria régia como tecnologia política e não apenas como instância administrativa, o artigo oferece uma leitura instigante das

relações entre normatividade, autoridade e ordenamento territorial no contexto medieval.

Na seção de ensaios de graduação, “A Época Moderna: ruptura, continuidade, transição e especificidade”, de Vagner Henrique Domingos, encerra o conjunto com uma reflexão de natureza historiográfica e conceitual. O texto questiona interpretações teleológicas que reduzem a Época Moderna a simples fase de transição e propõe pensá-la a partir de suas dinâmicas próprias, suas linguagens políticas e suas formas institucionais específicas. Ao discutir categorias e modelos explicativos tradicionais, o ensaio reafirma a importância da crítica historiográfica na definição dos próprios marcos com que se organiza a narrativa histórica.

Ao reunir dossiê, artigos livres e ensaio de graduação, este número reafirma o compromisso da *Revista Trilhas da História* com a pluralidade temática, o rigor analítico e a circulação de pesquisas que ampliam e renovam o debate historiográfico. Desejamos a todas e todos uma excelente leitura.

Julho de 2026

As editoras e o editor:

Dolores Puga, Mariana Esteves de Oliveira,
Wayla Silva Sá, Sarah Fonseca Trevisolli e Ivanderson Nascimento Junior.